

# Os direitos de todos os homens

11 DEZ 1996

11 DEZ 1996

JORNAL DO BRASIL

RICARDO BALESTRERI\*

Há 48 anos, o mundo articulou um sonho, um de seus melhores: paz e justiça para todos, direitos iguais para os diferentes, liberdade de organização e expressão. Não se pense que foi fácil. Como todos os sonhos, também este teve gênese sofrida nas construções de uma realidade ambivalente. Eros e Tanatos ora aspirando (como desejo), ora recusando (como exercício) os princípios da fraternidade.

De qualquer forma um salto, um inusitado conjunto de novos paradigmas, deu-se a essa proposta um nome: "Declaração Universal dos Direitos Humanos". Conquista das lutas sociais, fundadas no real, e síntese do melhor do imaginário de todos os tempos, esse belo roteiro de civilidade persiste, no entanto, majoritariamente, apenas como imaginário. Estas últimas décadas testemunharam toda espécie de barbárie: processos sistemáticos de perseguição ideológica em nações declaradamente democráticas, genocídios à direita e à esquerda, contaminação de quase toda América Latina por ditaduras militares, com seu rastro macabro e impune de torturados, executados e desaparecidos, ressurgimento de teocracias violentas e fanáticas, retomada de anacrônicos e dramáticos conflitos étnicos, guerras civis que dizimam populações inteiras. A delinquência, muitas vezes no poder, ceifando vidas, prendendo inocentes, mutilando indefesos, forçando migrações, matando de fome. Tudo isto dá testemunho de que o planeta vive longe de uma cultura de direitos

humanos. O Brasil participa, com sua quota de chacinas de meninos e meninas de rua, de aniquilamento de comunidades indígenas, de assassinatos em conflitos rurais, de tortura sistemática em alguns estados e de assustadora impunidade.

A contabilidade, forçosa nessas horas de avaliação, tende a ser desalentadora. O desânimo, no entanto, por parcial e imobilizante, é mau conselheiro: quitano o poder que dá consciência da responsabilidade e a certeza das possibilidades de mudança. A verdade é que, paralelamente à dor, não cessamos de construir a solidariedade. As antíteses da opressão acompanham o sofrido dia-a-dia da humanidade e os primeiros sinais da alvorada já podem ser percebidos por quem esteja atento. A Declaração Universal dos Direitos Humanos foi um excelente ponto de partida, ainda que a ela não tenhamos chegado plenamente. Na história, os reconhecimentos formais de direitos são de suma importância: coroam conquistas e sinalizam lutas. Hoje, esses ideais agregam centenas de milhares de Organizações Não-Governamentais e alguns milhões de ativistas no mundo inteiro. Impossível não comemorar essa entusiástica e irrefreável conspiração cidadã.

Recentemente, pela primeira vez, nosso país dobrou-se oficialmente à relevância dos Direitos Humanos e ao reconhecimento de suas violações pretéritas e presentes. Ao lado do Canadá e Austrália, somos o terceiro país a contar com

um programa nacional na área. Haverá quem o veja como mero protocolo de intenções, impreciso e inconsistente. Há deficiências, é certo, mas também méritos, o maior deles o abandono das negativas arrogantes de autocrítica. A efetivação e ampliação das políticas e estratégias previstas no programa dependerá do poder de articulação e pressão exercido pela sociedade civil. Todos os governos são entes de interesses que dão marcha a projetos na razão direta da força representada pelos atores sociais que os assumem. Roubar dos brasileiros a possibilidade de crer na otimização das ferramentas institucionais ao alcance de sua mobilização, propagar generalizadamente o ceticismo, é, no mínimo, um equívoco de fato a serviço do reacionarismo.

Há vida inteligente no planeta, e no Brasil, portanto, e essa vida é seminal.

O dia mundial dos direitos humanos, comemorado ontem, deve impelir-nos à avaliação de tudo o que ainda não é, mas também do que está se tornando. Pode, igualmente, como apelo simbólico, ajudar-nos a refletir sobre o nosso papel de agentes da transformação desejada, "sal da terra e luz do mundo", na feliz metáfora do Evangelho.

Peter Benenson, fundador da Anistia Internacional, repetia que "é sempre melhor acender uma vela do que maldizer a escuridão".